

.....

A nova ocupação

O fim da república do Cunani

Enquanto isto os sonhos de alguns franceses continuavam se voltando para Cunani e Calçoene. Albert Franken e Adolphe Brézet se declararam sucessivamente presidentes da République du Counani. Pretenderam que tinham transferido a sede de seu governo para uma Yelemen³⁸⁵ (este lugar, indicado no mapa oficial da república do Counani, não aparece nos mapas brasileiros), no alto Jari e ter apresentado protesto junto ao Conselho Helvético, não sendo escutados.

Instalando-se em Paris desde março de 1904, Brézet continuou a fingir e se afligir. Fixada a fronteira entre o Brasil e a Guiana Inglesa em junho, mais uma vez parte do pretendido território da república (que iria até o rio Negro) foi definido como brasileiro. Mas com capitais ingleses, o pretendido presidente tentou montar uma expedição militar. Os governos de Brasil, França e Inglaterra agiram para impedi-la.³⁸⁶

Com o passar do tempo, Brézet se mudou de Paris para Londres e viveu caricatamente dando entrevistas e vendendo concessões. Para facilitar sua tarefa publicou uma série de *Livres Rouges du Counani*, volumes de propaganda e aberta ficção. Nele sustentava, por exemplo, ter derrotado, com pesadas baixas para os invasores, as tropas brasileiras

que tentavam fazer cumprir o laudo suíço. As baixas teriam se dado não só no norte, mas até mesmo em Macapá. O Vaticano teria designado um delegado apostólico para Counani; e em agosto de 1903 teria sido firmado um acordo com as Guianas Inglesa e Francesa sobre o tráfego de navios com a bandeira do Counani.³⁸⁷ Brézet seria supostamente sucedido em 1911 por Jules Gros, Jr.³⁸⁸ Mas a République du Counani há muito era uma ficção.



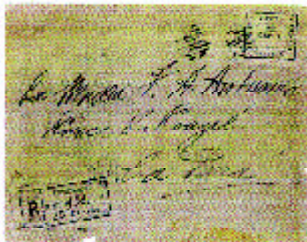
Brézet em traje de fantasia



Carta endereçada da Inglaterra ao État Libre du Counani e que, tendo chegado à Guiana Francesa, foi devolvida por ter endereço o ignorado



Carta postada para a Capital Federal, portanto por alguém que reconhecia o território como brasileiro



Carta postada para o Pará, curiosamente em lanc-patuá

Os selos do Counani se tornaram raridade filatélica; a coleção do Sr. Joaquim Marinho, de Manaus, inclui muitos deles, dos quais mostramos uma seleção



Selos emitidos em 1893



Selos emitidos em 1904



Selos emitidos em 1904

Território do Aricari

A 25 de fevereiro de 1901 um decreto legislativo do governo Campos Sales incorporava o território contestado ao estado do Pará³⁸⁹ Mas desde 21 de janeiro o governador Pais de Carvalho decretara:

O Governador do Estado, tendo em vista a deliberação pela qual o Governo Federal o autoriza a tomar posse do território que se achava em litígio entre o Brasil e a França, de acordo com a solução dada pelo laudo do Conselho Federal Suíço, a cujo arbitramento havia sido submetida a questão em virtude de comum acordo dos países, firmado no tratado de 20 de abril de 1897:

DECRETA:

Art. 1ª – Fica incorporado ao Estado o território compreendido entre a margem esquerda do rio Araguari e a direita do Oiapoque, com os demais limites que lhe foram determinados pelo laudo de Berna.³⁹⁰

Para o território, que recebeu o nome de Aricari, foi enviado Egídio Leão de Sales. A 27 de janeiro fez proclamação para ser lida em Calçoene, Cunani e Caciporé

confio que os meus jurisdicionados, compenetrando-se dos seus deveres de verdadeiros republicanos e dos que estão sob a proteção da República Brasileira, todos me auxiliarão para que eu nunca tenha ocasião de fazer valer a minha autoridade material, aplicando os rigores da lei³⁹¹.

Em fevereiro vai ao Calçoene, onde as bandeiras estrangeiras são arriadas.

Em reunião das lideranças da cidade passa revista às tropas e refaz o seu discurso. É respondido por um francês, Alphonse Edouard:

nós vos entregamos a missão de levar ao conhecimento do Governo o grande respeito e devoção que animam a colônia, que ainda está bem fraca; ela necessita de cuidados e atenções particulares porque é menos rica em recursos diversos e imediatos do que os seus vizinhos, esta região precisa de um trabalho mais eficiente para pô-la em valorização³⁹².

Em 22 de dezembro de 1901, depois de longo debate sobre a estrutura administrativa do território, foram criados dois municípios: Amapá com sede na cidade de Amapá e Montenegro, com sede em Calçoene. A artificialidade da criação destes municípios – eles não atingiam, juntos, a população de 10 000 habitantes, levou a sua fusão a 14 de outubro de 1903, com o nome de Montenegro (que vinha do governador do Pará Augusto Montenegro) e sede em Amapá.³⁹³

Enquanto isto, no sul, Macapá e Mazagão, municípios do Pará tinham destinos diferentes: enquanto Macapá se consolidava como o centro da região, apesar do quadro geral de estagnação econômica, Mazagão era completamente abandonada. Grande parte de sua população se transferiu para a Vila Nova de Aneurapucu, que em 1915 se tornou sede do município com o nome de Mazaganópolis.³⁹⁴

A Colônia Agrícola de Cleveland

A fronteira não podia ficar inteiramente abandonada. Em 1907 a Colônia Militar D. Pedro II foi transferida do Araguari para o Oiapoque.³⁹⁵ Mas era um gesto quase simbólico. A região já não era objeto de real interesse estrangeiro, e não havia necessidade de defesa efetiva. Os movimentos militares e econômicos se passavam somente na fantasia dos Brézet.

Mas alguns paraenses se preocupavam com a ocupação efetiva. O senador Justo Chermont conseguiu, em 1919, instituir uma Comissão Colonizadora do Oiapoque. Em abril de 1920 o engenheiro Gentil Norberto, cabeça da comissão, partiu para o rio Oiapoque. Em Santo Antônio do Oiapoque (diante de Saint Georges, a sede do cantão francês) encontraram o resto da colônia militar: um cabo e quatro soldados. Pouco adiante formara-se uma localidade, Martinica, com 6 moradores. Dois quilômetros acima resolvem se instalar.³⁹⁶

Seguindo um modelo que já fora testado por todo o Brasil, construiu-se o Centro Agrícola de Cleveland, Clevelandia, dando-se o

nome em homenagem ao presidente norte-americano. A 5 de maio de 1922 inaugurou-se a vila, já estando em funcionamento escola e hospital³⁹⁷. Entre os futuros colonos e construtores destacavam-se os fugidos da grande seca de 1920 no Ceará

Mas a natureza de Clevelândia mudaria rapidamente. Os pronunciamentos militares contra a política da primeira república aumentaram tremendamente a demanda de espaço nos presídios nacionais. Sem a truculência da *bagne* francesa, da terrível ilha do Diabo, optou-se por solução semelhante: o desterro de prisioneiros para os confins do território. Assim chegaram 250 presos em dezembro de 1924; mais 120 em janeiro de 1925; e em meados do ano 577³⁹⁸. Além dos enormes problemas de convivência, do problema físico de alojamento, um maior abalou a cidade: uma epidemia de febre desintérica.

A combinação destes problemas com o fim do boom da borracha e com a diminuição da imigração nordestina resultou, ainda uma vez, em progressiva decadência. O quadro era triste em 1927, quando Rondon passou por lá

*Levo impressão tudo já está feito, sendo clima estável e regular. Palácios existentes foram trazidos dos seringais, população localizada goza saúde. Convém insistir fixar trabalhadores nesta fronteira, evitar se percam tantos esforços e dinheiro despendidos. Sem tenaz persistência não se alcançará a vitória.*³⁹⁹

Bravo Rondon!

Em 17 de junho de 1940 instalou-se nos restos de Clevelândia o Pelotão de Fuzileiros Independente do Oiapoque. A unidade militar foi-se modificando ao longo do tempo: em 1942 Companhia de Fuzileiros e logo 3ª Batalhão de Fronteira; em 1946 novamente Companhia; etc. Em 1962 transformou-se em Colônia e Guarnição Militar de Clevelândia, renomeada em 1964 Colônia Militar do Oiapoque.⁴⁰⁰

Martinica, valendo-se da liberdade ou libertinagem impossíveis em Clevelândia, logo progredira. Depois de ponto de prostituição instalou-se uma usina para extração de essência de pau-rosa. Em 1926

instalou-se uma capela, dedicada ao Divino Espírito Santo. E em 1927 Rondon mudou-lhe o nome para Vila do Espírito Santo. Em 1937, entre Espírito Santo e Santo Antônio pousa o primeiro avião.⁴⁰¹

Território do Amapá

A 13 de setembro de 1943, pelo Decreto-Lei 5.812, foi criado – junto com os de Rio Branco, Guaporé, Ponta Porã e Iguaçu – o Território Federal do Amapá. Limitava-se pelo Atlântico, pelo Amazonas, pelas fronteiras com as Guianas Francesa e Holandesa, e pelo Jari até a fronteira. Era, de certa maneira, a recuperação da área da Capitania do Cabo do Norte. Dividia-se em três municípios: Amapá, Macapá e Mazagão. A capital era Amapá.⁴⁰²

Logo houve a primeira mudança: a capital, naturalmente, instalou-se em Macapá. Em seguida acrescentou-se o município de Oiapoque, com sede na cidade do Espírito Santo. Bem mais tarde, em 1956, foi a vez do município de Calçoene.

O Estado do Amapá

Novos municípios – Santana, Tartarugalzinho, Ferreira Gomes e Laranjal do Jari – foram criados em 1987. Mas mudanças mais profundas só viriam com a Constituição Federal de 5 de outubro de 1988. Assim constava das disposições transitórias:

Art. 14. Os Territórios Federais de Roraima e do Amapá são transformados em Estados Federados, mantidos seus atuais limites geográficos.

§ 1º A instalação dos Estados dar-se-á com a posse dos Governadores eleitos em 1990.

§ 2º Aplicam-se à transformação e instalação dos Estados de Roraima e Amapá as normas e os critérios seguidos na criação do Estado de Rondônia, respeitado o disposto na Constituição e neste Ato.

§ 3º O Presidente da República, até quarenta e cinco dias após a promulgação da Constituição, encaminhará à apreciação do Senado Federal os

nomes dos Governadores dos Estados de Roraima e do Amapá que exercerão o Poder Executivo até a instalação dos novos Estados com a posse dos Governadores eleitos.

§ 4º Enquanto não concretizada a transformação em Estados, nos termos deste artigo, os Territórios Federais de Roraima e do Amapá serão beneficiados pela transferência de recursos prevista nos arts. 159, I, a, da Constituição, e 34, § 2º, II, deste Ato.

Em 1991 foi promulgada a Constituição do Estado do Amapá. Ela mandou fazer plebiscitos em 22 localidades, para formação de novos municípios, mas só seis foram criados: Amapari, Serra do Navio, Cutias, Porto Grande, Itaubal e Pracuçba.⁴⁰³

A lanc-patuá

Em todo o estado do Amapá mas sobretudo em Oiapoque e Macapá comunidades falam a lanc-patuá dialeto que mistura francês, inglês, português e línguas africanas. São os crioulos, *auol* ou *creol*, os filhos de estrangeiro ou os que falam os dialetos. Em geral são *creol buezilien*, crioulos brasileiros, e seus pais vieram das Guianas inglesa, francesa ou holandesa.

Do Suriname o grupo mais distinto se formou, possivelmente de descendentes de uma das comunidades *djuka*, chamadas de *bush negroes* por Herskovits, os Saramacca, habitantes das margens do rio Suriname, no coração do país.⁴⁰⁴ A língua saramaca (*saramaca tongo*), segundo Artur Ramos um português negralizado⁴⁰⁵, se distinguia da língua de influência inglesa do litoral, *taki-taki*; ambas, no entanto, tinham estrutura africana. Para Julieta de Andrade, que pesquisou a lanc-patuá no Amapá, é difícil entender a variante local, que possivelmente mistura os dois falares, sendo por vezes necessário um tradutor intermediário.

Os outros falam uma língua de ressonância francesa. Mas é curioso como se transformam. Tu *éu*, como em *vous*, passando por *you*.

Há como é normal nas línguas derivadas, crioulo ou *pidgin*, uma grande simplificação de formas pronominais e de gênero, número e grau, e são comuns as aglutinações: *vuljalé* tu já foste. As palavras (*nom*) sofrem derivações muitas vezes quase sistemáticas: se iniciam em vogal e são em geral usadas no plural, começam com um *z*: *les oranges*, *zoanj*, *les animaux*, *zanimô*. Se são em geral usadas no feminino singular, incorporam um *la*: *la porte*, *la maison*, *la mort* resultam em *lapoota*, *lamezon*, *lamó*. O feminino é feito, quando necessário, pela explicação *fam* (mulher): *polis*, policial, *polis fam* policial mulher, *lapolis*, a polícia, *lapolis fam* polícia feminina. O plural em geral não existe: *timun bel* é criança bonita ou crianças bonitas. Mas se se trata de objetos próximos, ganham um sufixo e a partícula *cos* antecede: *c timunan bel*, estas crianças são bonitas. O tamanho é dado por *ti* ou *piti* antecedendo a palavra; mas *ti* e *guan* como prefixo indicam imaturidade ou maturidade: *timun* criança, *ti mun*, gente pequena, *guanmun*, adulto, *guan nom*, homem grande. O prefixo *bi* (de *big*) também é usado: *bibua* pedaço grande de madeira.

Em princípio os adjetivos seguem os substantivos. *Li c hion nom guan* ele é um homem grande; mas *li c hion guan nom*, ele é um herói. O artigo definido é dado por *a* ou *an* sufixado ao substantivo: *chapo*, chapéu, *chapoa*, o chapéu, *chapo muen* meu chapéu. O artigo indefinido é *hion*, invariável. Os pronomes pessoais também são simplificados: *muen* é eu, me, mim, meu, minha, meus, minhas; *u* é você, tu, te, ti, teu, tua, teus, tuas... Os verbos são invariáveis; os tempos são dados por partículas: *ca*, presente, *cai* futuro, *ti*, pretérito. Assim *li ca soti*, ela está saindo; *li cai soti*, ela vai sair; *li ti soti*, ela tinha saído; *li ticai soti*, ela ia sair.

As comunidades levam uma vida ainda simples e presa a valores tradicionais. A grande figura é o *munchê* de *monsieur*, o médico-líder-espiritual-protetor. É ele quem preserva os valores africanos, o segredo das ervas e dos ritos.

As festas, a festa de São Tiago

As festas tradicionais brasileiras tiveram, e têm, sua versão no Amapá. Desde as mais gerais, como o Natal do Menino Jesus, a Páscoa do Senhor, a Independência do Brasil, até às mais localizadas.



A festa de São Tiago, em Mazagão

Suas formas têm a variação normal de cada expressão local ao longo do país. Julieta de Andrade registrou cantigas de roda, orações, rezas, magias, receitas de cozinha:

Aicó

*Metêaicó jabá vinég, sibu epi lay. Quitei bú jic anpúen pú metêpuev,
lul epi hion tulher cio pú pá bai zagué*

Feijão

Ponha feijão jabá vinagre, cebola e alho. Deixe ferver até no ponto de colocar pimenta, óleo e uma colher de açúcar para não dar azia.

Ou receitas de medicina popular:

Púlestomac uvé

Puan hion z epi túhei jema, melangei epi bue qui van an fomacê bat lê ben bat. l Lé delêe, buei; apue vomim metéplastei.

Para estomago aberto

Pegue um ovo e tire a gema, misture com breu que vende na farmácia, bata-o bem batido. Quando ele estiver dissolvido, beba; depois de vomitar; colocar emplastro.

Ou adivinhas maliciosas:

— *Quiles leng qui faman ká metêsan maui hue?*

— *C dei.*

— *Qual a roupa que a mulher veste sem o marido ver?*

— *É o luto.*

Em Mazagão tem hoje especial relevo o velho combate de Santiago Matamouros. Numa comunidade que tem origem na África muçulmana, nas terras dos mouros — a fortaleza de Mazagão era um posto avançado no combate contra os infiéis, para as bandas de Alcácer el Quibir, onde desapareceu el-rei d. Sebastião antes de vir ressurgir em lenda nessas suas terras do Brasil —, é natural que a versão seja especialmente rica.

Na representação da batalha imaginária, inicia-se com a entrega de presentes envenenados aos cristãos. Desconfiados, estes deitam parte aos animais da mouraria. À noite, em baile de máscaras que os traiçoeiros oferecem — já comemorando antecipadamente sua vitória —, os cristãos, disfarçados, comparecem levando o resto da comida. Perdem os infiéis, nesta tragédia de enganos, seu rei Caldeira.

É uma criança, o menino Caldeirinha, o novo rei mouro. Recomeça a luta. Mandam agora o Bobo Velho, que não é bobo mas espião. Os de Portugal, que também não são bobos, apedrejam-no. E mandam seu espião, Atalaia. Heróico, Atalaia rouba o pavilhão do crescente, mas, pego, é decapitado.

A seguir Caldeirinha seqüestra e vende as crianças cristãs. Inicia-se finalmente a batalha feroz, num dia prolongado pela divindade para ver a derrota do povo infiel. E o baile do Vominê consagra e congrega a população de Mazagão.